

# “Crescei e Multiplicai”: mulheres de família de Itabaiana

Maria Neide Sobral\*

## Resumo

Este texto traça breves histórias de algumas mulheres da família Sobral ao longo da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, que viveram em ambientes rurais em Itabaiana: *Francisca Maria de Jesus* (± 1820 - ± 1857), *Rufina Francisca de Jesus* (1843 -1927), *Maria Francisca Sobral* (1872 - 1946) e *Maria Elvira de Jesus* (1909 -1948). Essas foram educadas através da tradição oral, sem acesso à leitura ou escrita. Apesar disso, desempenharam papéis importantes como mães de numerosa prole, contribuindo para o processo de povoamento daquela localidade. Essas mulheres, embora não tenham participado ativamente da política ou de espaços culturais públicos, exemplificam a experiência comum da maioria das mulheres da época na construção e manutenção das comunidades locais.

**Palavras-chave:** Mulheres, famílias, Itabaiana.

\* Professora Emérita aposentada pela Universidade Federal de Sergipe e, atualmente, professora do curso de Pós-Graduação em Educação, na Universidade Tiradentes.

## “Grow and Multiply”: Family Women from Itabaiana

## “Crescei e Multiplicai”: mujeres de la familia de Itabaiana

### *Abstract*

This text traces brief stories of several women from the Sobral family during the second half of the 19th and first half of the 20th centuries, who lived in rural environments in Itabaiana: Francisca Maria de Jesus (± 1820 - ± 1857), Rufina Francisca de Jesus (1843 - 1927), Maria Francisca Sobral (1872 - 1946), and Maria Elvira de Jesus (1909 - 1948). These women were educated through oral tradition, without access to reading or writing. Despite this, they played significant roles as mothers of numerous offspring, contributing to the settlement process of that locality. These women, although not actively involved in politics or public cultural spaces, exemplify the common experience of most women of the time in the construction and maintenance of local communities.

**Keywords:** Women, families, Itabaiana

### *Resumen*

Este texto traza breves historias de algunas mujeres de la familia Sobral a lo largo de la segunda mitad del siglo XIX y la primera mitad del siglo XX, que vivieron en ambientes rurales en Itabaiana: Maria Francisca de Jesus (± 1820 - ± 1857), Rufina Francisca de Jesus (1843 - 1927), Maria Francisca Sobral (1872 - 1946) y Maria Elvira de Jesus (1909 - 1948). Estas mujeres fueron educadas a través de la tradición oral, sin acceso a la lectura o escritura. A pesar de esto, desempeñaron papeles importantes como madres de una numerosa prole, contribuyendo al proceso de poblamiento de esa localidad. Aunque no participaron activamente en la política ni en espacios culturales públicos, ejemplifican la experiencia común de la mayoría de las mujeres de la época en la construcción y el mantenimiento de las comunidades locales.

**Palabras clave:** Mujeres, familias, Itabaiana.



Ao explorar a documentação cartorial, religiosa, civil e jurídica para escrever a história de minha família<sup>1</sup>, observei as lacunas deixadas em relação aos registros das mulheres. Geralmente, elas eram representadas e declaradas pelo “cabeça da família”, frequentemente o marido ou pai. Nos inventários e em registros de escrituras, os homens, quando alfabetizados, assumiam a função de “arrego” e assinavam os documentos em nome delas e de outros que não sabiam ler nem escrever. Quando uma mulher “sabia ler”, era considerada “uma dona completa” (Sebrão, 2003, p. 326). Isso destaca as dificuldades enfrentadas na construção de narrativas históricas sobre as vidas das mulheres, especialmente daquelas que viviam no mundo rural, destinadas à vida nos lares e às atividades domésticas, enfrentando as labutas do cotidiano.

A historiografia que trata da história da família e da história de mulheres, como delineado por Faria (1997), constitui campos de pesquisa distintos, embora frequentemente inter-relacionados. A história da família explora as dinâmicas, estruturas e funções das unidades familiares ao longo do tempo, enquanto a história das mulheres se concentra nas experiências, contribuições e desafios enfrentados por mulheres em diferentes contextos históricos. Foram pincelados alguns elementos genealógicos, entrelaçados em memórias, para configurar quatro mulheres da família Sobral de Itabaiana na composição deste texto.

Ao abordar a história de algumas mulheres da família Sobral em Itabaiana, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, estamos adentrando um espaço onde esses dois campos se cruzam. Essas mulheres, *Maria Francisca de Jesus* (±1820-±1857), *Rufina Francisca de Jesus* (1843-1927), *Maria Francisca Sobral* (1872-1946), apelidada de “laiá”<sup>2</sup>, e *Maria Elvira de Jesus* (1909-1948), apelidada de “laizinha”, viveram em ambientes rurais



<sup>1</sup> A pesquisa tem sido realizada com a colaboração de Rafael Dezotti, primo em segundo grau, com quem mantenho uma parceria importante na construção da história de nossas famílias. O texto, ainda sem publicação, desvela alguns aspectos genealógicos, históricos e memorialísticos de nossas famílias.

<sup>2</sup> Um aspecto importante a ser destacado nas famílias itabaianenses é o fato de que muitos de seus membros são mais identificados pelos apelidos do que pelo nome próprio (Carvalho, 1996).

e foram educadas pela tradição oral, sem acesso à leitura ou escrita formal.

No espaço doméstico de Itabaiana, essas mulheres desempenharam papéis cruciais como mães e contribuíram significativamente para o povoamento e desenvolvimento das lavras itabaianenses. Suas vidas exemplificam a importância do papel materno na manutenção da estrutura familiar e na perpetuação da comunidade rural. Algumas delas também se dedicaram à tecelagem rudimentar, produzindo para consumo próprio e para venda nas feiras locais, uma atividade econômica fundamental para muitas famílias da época.

Esse recorte histórico destaca a relevância de se explorar a experiência feminina no contexto doméstico, onde, apesar da ausência de participação política ou cultural pública, as contribuições dessas mulheres foram essenciais para a construção e manutenção da sociedade rural de Itabaiana. Assim, a historiografia da história de família e da história das mulheres se entrelaçam para oferecer uma compreensão mais abrangente das dinâmicas sociais e culturais desse período.

Neste texto, tracei uma breve história das referidas mulheres que pertenciam à família Sobral e viveram em Itabaiana Grande durante o extenso período de mais de um século, entre o início do século XVIII e a primeira metade do século XIX. Itabaiana Grande, como era denominada, abarcava os territórios que hoje pertencem a Frei Paulo, Campo do Brito, Pedra Mole, Pinhão, São Domingos, Macambira, Moita Bonita, Ribeirópolis, Carira, Aparecida e parte de outros municípios, como Malhador e Nossa Senhora das Dores. Era, de fato, um território vasto, que foi encolhendo ao longo dos dois últimos séculos, através de processos políticos de emancipação, até alcançar os contornos atuais (Santos, 1982).

Quem eram essas mulheres? No quadro abaixo, apresento as quatro mulheres que selecionei para esta escrita. Todas elas, de sobrenome Jesus, como era comum atribuir o nome de santos e arcanjos às mulheres (Mott, 2008), indiferentes ao sobrenome de família que muitas vezes carregavam de seus pais. Araújo (2010, p. 27) assinala que o “sobrenome religioso nas mulheres não implicava em



bastardia, pois era comum até nas famílias abastadas”. Por vezes, identifiquei sobrenomes diferentes, tanto o de Jesus, atribuído pelos pais, como o de Sobral, oriundo do marido.

**Quadro 1. Mulheres da família**

Mulheres	Filiação	Esposo
<i>Maria Francisca de Jesus</i> (1820-1857?)	José Germano da Trindade (1793 - ?)Tereza de Jesus	José Rodrigues Sobral (1923-1888)
<i>Rufina Francisca de Jesus</i> <sup>3</sup> (1843-1927)	Manoel Barbosa de Jesus (1825- ?)Francisca Maria da Conceição (? – 1858)	Manoel Máximo de Jesus (1841-1927)
<i>Maria Francisca de Jesus</i> (1872- 1946)	Serafim Guimarães Barretto (1844-1921)Maria Francisca da Conceição (1851-1898)	Francisco Rodrigues Sobral (1875- 1940)
<i>Maria Elvira de Jesus</i> (1909-1948)	José Pedro de Jesus (1877-1956)Maria Rosa de Menezes (1883-1847)	Antônio Rodrigues Sobral (1905-1968)

Fonte: Family Search e outros documentos cedidos por parentes.

Cada uma dessas mulheres, em seu tempo, assumiu o papel singular de povoadora daquelas lavras, ao dar à luz a uma numerosa prole e ao assumir integralmente a vida doméstica, circunscritas aos limites impostos pelo universo patriarcal dominante. As mulheres que trato aqui viveram imersas no mundo rural, em sítios, fazendas e, eventualmente, em povoados. Eram esposas de lavradores que, em alguma medida, tornaram-se negociantes e proprietários de terras, com renda equivalente a 200\$000 réis, sendo, portanto, eleitores e com renda de 300\$000 réis, podendo ser elegíveis, considerando critérios de eleição do período colonial e imperial (LIMA, 2016). Na República, só Francisco Rodrigues Sobral, esposo de Maria Francisca de Jesus, teve uma participação política no povoado Gado Bravo, em Nossa Senhora das Dores, para onde migrou com a família.

<sup>3</sup> No registro religioso do primeiro casamento de Rufina, seu nome assinalado era Francisca Maria, mas nos demais registros aparece como sendo Rufina Francisca, sendo este o que defino aqui.

Eram mulheres que viveram no mundo rural e eram mães de numerosa prole, algumas delas aprenderam a trabalhar na tecelagem rudimentar para o consumo, e o excedente era vendido nas feiras por seus pais e maridos, especialmente as filhas da primeira e segunda gerações. Na terceira, apenas uma única filha que chegou à fase adulta e foi lavradora. Na última geração, quase todas se tornaram costureiras. Nenhuma delas teve presença na política nem na cultura em espaços públicos urbanos.

### *Alguns cenários*

Nas minhas idas a Itabaiana, observei o anel de serras em formato de uma espécie de cerca natural. Algo que não tinha notado antes de me aprofundar mais nas memórias de famílias. Parece mesmo uma muralha construída pela natureza, que facilitou a criação de gado solto nessa região - “solto”, “vaquejado”-, sendo, pois, a primeira atividade econômica de Itabaiana Grande. Assegura-nos Bispo (2013, p. 67): “Itabaiana foi escolhida como área de criação por dois motivos: ser uma área circundada por serras, portanto de fácil controle da criação; e estar no meio do caminho dos canaviais pernambucanos e da capital colonial, Salvador”.

Depois, com as plantações necessárias à sobrevivência e com o desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar e da cultura do algodão, a criação de gado solto passou a provocar muitos conflitos entre plantadores e criadores. O desafio crescente foi o de isolar os espaços da agricultura e a necessidade de trocar as “curradeiras” por currais físicos, devidamente demarcados por cercas em sua maioria, feitas de estacas e arames farpados (Bispo, 2013). Foram inúmeros os conflitos entre plantadores e criadores, como assinalou Nunes (1978).

Nas primeiras décadas do século XIX, a criação de gado ganhou cada vez mais espaço entre as cercas físicas, não mais as cercas naturais alinhadas pelas serras. O cultivo do algodão, que produziu uma rudimentar indústria têxtil, abriu espaço para o trabalho de industrialização artesanal das mulheres: a tecelagem, que cobria, com tecido grosseiro de algodão, a população de muitos escravos e



brancos pobres. Embora fosse uma atividade irregular, ela se estendeu pelo território de Itabaiana, como afirma Souza (2003). Bispo (2013) salienta que os campos itabaianenses ficaram cobertos de algodão, impulsionados pelos terrenos adequados ao seu cultivo, “heréus”, e pelo contexto internacional, com o fim da escravidão norte-americana e a Guerra de Secessão, que puderam em crise o cultivo naquele país e impulsionaram a produção no Brasil, especialmente em Sergipe, em locais específicos com maior intensidade.

A fiação do algodão, realizada por mulheres com o uso de fusos e rodas movidas a pé e a tecelagem de panos grossos, em teares rústicos, também por elas, eram atividades comuns, especialmente para a confecção de redes. Esse trabalho era feito com o chamado algodão crioulo, uma espécie conhecida nessas terras e que era descaroçada inicialmente a dedos, depois passou a ser usada a máquina. Algumas mulheres da família Sobral, no século XIX e nas primeiras décadas do século XX, tornaram-se *fiandeiras*. Em seus registros católicos e civis, essa atividade é citada, particularmente nos registros de algumas filhas de *Francisca Maria de Jesus* e de *Rufina Francisca de Jesus*. Essas mulheres levaram seus maridos para a atividade comercial, saindo pelos sertões com varas de pano de algodão para vender, segundo Souza (2005, p. 60):

São industriosas as mulheres de Itabaiana; suas grosseiras manufaturas constituem o principal comércio de seus maridos e toda a vantagem de seu país. Levam os itabaianistas para os sertões altos vinte mil varas de pano de algodão, que se reputam em valor monetário de dez mil cruzados.

A memória da indústria sergipana, publicada em 1986 pelo Serviço de Aprendizagem Industrial - SENAI, assinala a produção de tecidos em Sergipe em sua fase artesanal, que só ganhou esboço de empresa a partir de 1880, com a criação de teares. A produção artesanal familiar, especialmente em localidades rurais, prevaleceu por mais tempo, ultrapassando o limiar do ciclo do algodão, com suas exportações para consumo caseiro e para pequenas comercializações em feiras. Nos registros civis do início da República, a situação



de muitas mulheres fiandeiras prevaleceu, o que revela a continuidade dessa atividade laborativa por um período alargado, mesmo que não indique se elas trabalhavam em casa com seus familiares ou em teares já em funcionamento (SENAL, 1986).

Itabaiana adentrou o século XIX como vila, onde a vida urbana não era intensa, com poucas ruas e atividades ligadas à câmara e aos eventos políticos e religiosos. Havia poucas casas de ranchos que abrigavam as famílias que vinham para alguma atividade na localidade. Os proprietários de terras e seus escravos mantinham-se nos sítios, fazendas e engenhos, cuja produção era escoada para Laranjeiras e para os estados vizinhos (Carvalho, 2003). Normalmente, tinham casas de ranchos onde se instalavam quando de passagem pela vila. Carvalho (2009) aponta que esses lugares viviam cercados de serras e matas, distantes dos núcleos urbanos, voltados para o desenvolvimento da pecuária e da agricultura.

260



O declínio da produção de açúcar e o fim da escravidão foram protagonistas de grandes falências dos donos de engenhos e de um novo reordenamento econômico para a produção do algodão, já no final do século XIX, como afirma Bispo (2013).

Nas últimas décadas do século XIX, a feira, até então itinerante, tornou-se um lugar privilegiado na vida de Itabaiana, especialmente quando esta foi elevada à cidade em 28 de agosto de 1888. Era um espaço de desenvolvimento da economia local, de convívio social, de vendas e compras de toda ordem e de atração para a vida urbana, porque, ao lado dela, emergiram algumas casas comerciais, fixando-se, assim, um incipiente comércio. Os proprietários de terras assumiam funções políticas e sociais, ganhavam larga experiência em compra e venda de mercadorias, já historicamente sedimentada com os antigos caixeiros-viajantes, camboeiros, mercadores, etc.

No século XX, acompanhamos a saga da família Sobral em movimento dentro do próprio estado para encontrar seu porto seguro e se estabelecer. Os processos migratórios para outros estados ainda eram incipientes, embora presentes. Um deles foi o do Sr. Sobral, Antônio Sobral, filho de *Rufina Francisca de Jesus* e de Manoel Máximo de Jesus, que foi trabalhar nos seringais do Acre, no final do

Primeiro Ciclo da Borracha, ficando por lá três anos e meio e retornando com um bom capital para iniciar suas atividades de pecuarista em São Paulo, hoje Frei Paulo. Outro, já na segunda metade do século referido, Hermelino Rodrigues Sobral, filho de *Maria Francisca de Jesus* e de Francisco Rodrigues Sobral, também migrou para o Norte, para trabalhar nos seringais, mas não teve a mesma sorte, vivendo em uma situação análoga à escravidão no Acre, em uma “colocação”, espécie de casa de palha em uma região onde poderia fazer a exploração da borracha dos seringais. Ele faleceu na periferia da capital do Acre, onde vivia às expensas de seus filhos.

As mulheres aqui arroladas da família Sobral estiveram envolvidas nas atividades de tecelagem rudimentar e na lavoura, a partir da segunda metade do século trabalhando de forma autônoma e/ou em fábricas em São Paulo, para onde várias delas migraram, especialmente as filhas de *Elvira Maria Sobral*, casada com Antônio Rodrigues Sobral.

### *Esposas e mães: breves histórias*

As genealogias, historicamente, têm sido construídas pelas elites dominantes, de modo a se manterem no poder, o que requer alianças familiares, isto é, casamentos com membros da elite, pertencentes a outros clãs e estruturas similares. Isso tem sido preservado e perpetuado através das linhagens que envolvem o poder econômico e o poder político, além do poder familiar (Doria, 1994). As mulheres, então, aparecem circunscritas aos discursos masculinos, com escassa presença de sua voz em espaços públicos.

Quando trato de algumas mulheres de quatro gerações da família Sobral, faço-o com a certeza de que elas garantiram o funcionamento das pequenas comunidades em que viviam. Em linhas gerais, conduziram suas famílias nos espaços restritos de seus sítios e fazendas.

Cabe-me salientar que a escolha do sobrenome Sobral se deu em razão de ter sido o primeiro ancestral que identifiquei em Itabaiana, José Rodrigues Sobral, nascido provavelmente em 1823, filho de Manoel Cardoso de Jesus e de uma mãe que não identifiquei,

sendo este trisavô de Manoel Sobral, meu pai, falecido em 10 de agosto de 2010. Tentei vincular, sem sucesso, José Rodrigues Sobral a outros de sobrenome Sobral que viveram em Japarutuba e Itaporanga, possivelmente, descendentes de três portugueses que aportaram em Sergipe no final do Século XIX: o padre José Valentim de Oliveira Sobral, seu pai, o tenente-coronel Francisco Xavier de Oliveira Sobral e João Val de Oliveira Sobral.<sup>4</sup>

“Crescei e multiplicai-vos e enchei e dominai a terra.” (Gênesis, 1,28) foi uma ordem divina, de fato, assumida por muitos casais do mundo rural brasileiro até a segunda metade do século XX. Isso coaduna com o que escreveu o padre Marcos Antônio de Souza (2005, p. 59), ao falar das itabaianenses: “É certo que as mulheres têm uma natural fecundidade; costumam parir vinte a vinte e cinco filhos. São muitas inclinadas ao tório conjugal, mas a pobreza é um grande obstáculo à criação dos filhos”. Foram muitos filhos identificados em cada uma das famílias! A título de exemplo: Maria da Graça de Jesus, segunda esposa de José Rodrigues Sobral, faleceu ao dar à luz ao 12º filho; Maria Elvira de Jesus, “laidzinha”, faleceu também depois do 12º parto. Esses números não levam em conta os natimortos, nem os abortos.

As mulheres enfrentavam o desafio de sobreviver aos sucessivos partos, sempre acompanhadas por familiares e parteiras, em cenários marcados pela falta de condições necessárias para sua realização. Nos registros civis e religiosos de óbitos em Itabaiana, o número de falecimentos em consequência do parto é bastante significativo. Na família, isso ficou evidente! Desde a metade do século XIX até a segunda metade do século XX, encontrei óbitos de mulheres em diferentes números de gestações que se foram “sem assistência médica” e em casa, como era de costume, embora a medicina obstetrícia, tanto em nível nacional quanto nível internacional já tivesse dado alguns passos, transformando o parto de “coisa de mulher” para o campo da saúde.

<sup>4</sup> Genealogia de Sobraense e Dados coletados no Arquivo do Tribunal de Justiça do Ceará.



### Quadro 2. Mulheres e número de Filhos

Gerações	Casal	Filhos identificados
I – Século XIX	José Rodrigues Sobral	<i>Francisca Maria de Jesus</i> – 09 filhos (Manoel Máximo, João Fernandes, Maria Francisca, Januária, Sabino, Sebastião, Anna, José Gregório e Tibúrcio).
		Maria da Graça de Jesus – 12 filhos (Antônio, Francisco, Alexandre, Francisca Maria, Maria da Soledade, Firmino, Maria Francisca, João, Antônio Bispo, Maria Francisca, Joanna e Felipe).
II – Segunda metade do século XIX- Início do século XX	Manoel Máximo de Jesus	<i>Rufina Francisca de Jesus</i> - 20 filhos (Maria, Maria Francisca, Maria, José Rodrigues, Anna, Sabino, Maria dos Anjos, Maria Francisca, Francisco, Anna, Francisca, Senhorinha Portuguesa, Marcelina, Antônio Sobral, Antônia Francisca, Gonçalo, Fausta Maria, Isabel de Jesus, Sabino Rodrigues e Manoel Máximo).
III- Século XX	Francisco Rodrigues Sobral	<i>Maria Francisca de Jesus</i> - 13 filhos (Manoel, José Rodrigues, Maria, Hermelino, João, Antônio, Manoel, Elvira, Tranquilino, Elvira, José, Francisco Sobral e José Francisco).
IV- Século XX	Antônio Rodrigues Sobral	<i>Maria Elvira de Jesus</i> – 12 filhos (José Rodrigues, Constantino, Isaú, Manoel, Maria, Tereza, João, Helena, Benigna, Inês, Antônio, Maria do Carmo.)
		Maria Paes da Costa – 9 filhos (Neuza, Francisco, Maria José, Edineuza, Josefa, Manoel, Edilúcia, Renato e Wilson).

Fonte: dados levantados nos inventários e no Family Seachar.

Também morriam muitas crianças antes de chegarem aos dois anos de idade, quase 50%, conforme estudo de Santana (2005), dadas as condições de saúde pública inexistentes e/ou deficientes. “O mal dos sete dias” era frequente, assim como as “febres” e “andaço”<sup>5</sup>, entre outros diagnósticos que eram feitos pelos informantes ao registrarem os óbitos. Sobreviver ao nascimento e à primeira infância era, de fato, uma grande conquista.

<sup>5</sup> “Andaço” é, segundo Souza (2005, p. 84) um termo que “os antigos denominavam *peitorréia*, febre catarral”, muito usado também no Nordeste do Brasil, quando queriam se referir alguma doença infecciosa, como grupes e viroses que acometiam muitas pessoas em um determinado lugar e pouco tempo.

As epidemias ganhavam terreno quando se tratava de ceifar vidas, como foi o caso de Manoel Máximo de Jesus e Rufina Francisca de Jesus, que faleceram de gripe, no mesmo dia, em Terra Vermelha, em 1927.

A situação da saúde da população sergipana durante o século XIX era de extrema gravidade. Predominavam as chamadas pestes pestilenciais. Variola, malária, febre amarela, febre tifoide e sarampo grassavam impunemente a província, espalhando terror e medo” (Santana, 2005, p. 23)

A primeira mulher de família aqui apontada foi *Francisca Maria de Jesus*. Ela nasceu, provavelmente, na década de 1820 e era filha de José Germano da Trindade e de Thereza Maria de Jesus. Neta paterna de José Custódio da Motta (filho de Miguel Diniz da Motta e de Luísa Ferreira de Jesus) e de Micaella Francisca de Jesus (cuja filiação não identifiquei). José Custódio foi um descendente de sesmeiro, que viveu em Terra Vermelha, em Itabaiana. Mesmo com dados escassos, foram localizados o inventário e o testamento no Arquivo do Geral do Judiciário de Sergipe

*Maria Francisca de Jesus* era filha de José Germano da Trindade e de Thereza Maria de Jesus, neta paterna de José Custódio da Motta e de Micaella Francisca de Jesus. Micaella Francisca de Jesus foi testamenteira e inventariante do espólio do marido, cujos bens foram repartidos com a Igreja, na encomenda de missas para almas de parentes, para o bem das almas de pessoas com quem fazia negócios, para alguns santos da Igreja e pela sua própria alma. Providenciou a alforria de três escravas, pelos bons serviços prestados, desde que elas permanecessem junto a Micaella, sua esposa, até sua morte, além de deixar um valor para ser doado em esmolas aos pobres que acompanhasse o seu enterro, sendo seu desejo ser sepultado na Igreja de Santo Antônio e Almas de Itabaiana. Dessa mulher, Maria Micaella, pouco foi trazido à baila: De onde ela veio? de quem era filha? Apenas os nomes dos 7 filhos arrolados no inventário de seu marido.

*Maria Francisca de Jesus* casou-se com José Rodrigues Sobral, apontado aqui como sendo filho de Manoel Cardoso de Jesus, con-



forme um único documento localizado, uma lista dos oficiais inferiores da guarda nacional, na qual constava seu nome como sargento. No entanto, não consegui identificar o nome da mãe. O casamento de *Maria Francisca* e José Rodrigues ocorreu no final da década de 1830, pois seu primogênito, Manoel Máximo de Jesus, nasceu em 1841. *Francisca Maria de Jesus* deu à luz a 9 filhos e faleceu em 1857, ano em que nasceu seu último filho.

O casal dispunha de um sítio em Terra Vermelha, povoado de Itabaiana: “É um dos mais antigos e, por sua genealogia, um dos mais importantes, como Candeias, foi fundado por famílias da Igreja Velha, isto é, pelos fundadores da arquípole serrana” (Sebrão Sobrinho, 2001, p. 292).

Falecendo *Maria Francisca de Jesus*, José Rodrigues Sobral contraiu segundas núpcias com Maria da Graça de Jesus, de 20 anos de idade, filha de Ignácio José da Motta e de Francisca Acioly da Graça, em 7 de dezembro de 1870. Com ela, teve mais 11 filhos, e faleceu em consequência do parto do filho Felipe Rodrigues Sobral. Quando se casou, Maria da Graça tornou-se madrastra de 9 filhos e deu à luz a mais 11 filhos. Eles viveram em Taborda, Nossa Senhora das Dores, e lá faleceram. Maria da Graças de Jesus em 1878 e José Rodrigues em 1888.

No inventário realizado de Maria da Graça de Jesus na Comarca de Capela, em 1878, evidencia-se que o casal tinha posses, chegando o montante relativo ao espólio da esposa a mais de dois mil réis, incluindo bens como terras, algumas joias e escravos. José Rodrigues Sobral era lavrador e pecuarista: ligado ao cultivo do algodão, tão em voga naquele período, motivo pelo qual tornou algumas de suas filhas *fiandeiras*. Não sei quais bens Maria da Graça trouxe para o casamento, nem mesmo quais bens José Rodrigues tinha à época do enlace, após, naturalmente, ter feito a partilha dos bens de sua primeira esposa com seus nove filhos. Certamente, representava o lavrador rural que tinha boa presença no cenário de Itabaiana, particularmente onde aparece na lista de eleitor e elegível, o que implicava renda superior a 300\$000 réis (Lima, 2026). Por isso, recebeu votos para intendência de Itabaiana.



O filho mais velho do casal José Rodrigues Sobral e sua primeira esposa, *Francisca Maria*, Manoel Máximo de Jesus casou-se com a segunda mulher aqui indicada, *Rufina Francisca de Jesus*, filha de Manoel Barbosa de Jesus e de Francisca Maria da Conceição. *Rufina Francisca de Jesus*, quando se casou, era viúva havia cerca de seis meses de seu primeiro marido, Antônio Paes da Costa, filho de José Paes da Costa e Maria Francisca de Jesus. Quando as mulheres ficavam viúvas, eram logo pretendidas e realizavam o segundo casamento, muitas vezes por possuírem bens que as tornavam cobiçadas por outros homens solteiros ou viúvos. Também ocorriam casamentos de viúvos e viúvas que traziam uma numerosa prole. Um exemplo disso é de Francisca Maria Telles, filha de Manoel Máximo de Jesus e de *Rufina Francisca de Jesus*, que enviuvou de Sabino José de Mendonça com quem teve 12 filhos, e casou-se em segundas núpcias com Tibúrcio Severiano de Jesus, que havia ficado viúvo com 13 filhos, pois sua mulher, Maria Tereza de Jesus, faleceu de parto, aos 38 anos de idade. Nesse caso, Francisca Maria assumiu a responsabilidade por uma numerosa prole, seus filhos, os filhos de seu marido e mais filhos nascidos no segundo casamento. Uma complexa família em que os primos, enteados iam contraindo casamentos, bem como sobrinhas com tios, devidamente sacramentados pelas diligências da Igreja Católica que dirimia os obstáculos a realização dos casamentos.

O casal *Rufina Francisca de Jesus* e Manoel Máximo de Jesus teve uma numerosa prole, com 20 filhos identificados, embora só 10 deles tenham sido mencionados no óbito de ambos, que faleceram de influenza no mesmo dia, no sítio em que moravam em Terra Vermelha. Alguns dos seus filhos migraram para a cidade de Itabaiana, outros migraram para o sul país, a exemplo de Antônio Sobral como mencionei. As mulheres se casaram e se instalaram em diferentes locais do estado, algumas delas eram fiandeiras.

*Maria Francisca Sobral* viveu seus primeiros anos de casada em Terra Vermelha, em terras que seu marido, Francisco Rodrigues Sobral, filho de Manoel Máximo de Jesus e de *Rufina Francisca de Jesus*, herdou de seus pais. Ela era filha de Serafim Barretto de Guimaraes e de Francisca Maria de Jesus, que viveram no povoado Fi-

gueiras, atualmente pertencente ao Município de Moita Bonita, e depois se instalaram em um sítio em Frei Paulo.

O casal, *Maria Francisca* e Francisco Rodrigues, já com os filhos adultos, muitos dos quais casados, migrou para Gado Bravo, em Nossa Senhora das Dores, em uma localidade próxima onde viveu seu bisavô paterno José Rodrigues Sobral, instalou-se no povoado, onde construiu várias casas, inclusive uma escola e uma bodega, onde comercializava.

Um dos episódios que sobreviveu ao tempo foi a visita de Lampião ao povoado Gado Bravo, na qual “laiá” enfrentou o bando quando invadiu a bodega e saqueou os produtos. Depois, o bando foi à sua casa onde ela se encontrava acamada e, sob ameaças, exigiu dinheiro e joias. Segundo relato de seu neto Manoel Rodrigues Sobral, atualmente falecido, e sua nora, Maria Rosa Sobral, casada com seu filho mais novo, José Francisco Sobral, conhecida como “Maria de Zezé”, apesar da pressão exercida por alguns cangaceiros, que conseguiram se apropriar de uma corrente de ouro dela, mas ao pedir dinheiro, ela, ofegante e cansada, dizia que ‘se quisesse dinheiro, fosse trabalhar’. Recebeu uma cipoada de mangote, mas, mesmo assim, eles não levaram o dinheiro pois ele era guardado em dobras de um guarda-chuva, atrás da porta. Ela ficou machucada, mas preservou seu dinheiro, isso é contado na região como um grande feito da matriarca que tinha como fama ser excessivamente econômica e mão fechada.

De igual forma, ao prever a morte, exigiu ser enterrada no Cemitério de Itabaiana, ao lado de seu marido, que havia falecido alguns anos antes. Para isso, destinou um carro de boi no qual seu caixão foi depositado, e seguiu estrada afora até a casa de rancho que tinha em Itabaiana, para a missa de corpo presente e, em seguida, seu destino final: o enterro no referido cemitério. Nas lembranças dos que ainda se recordam, o carro de boi seguiu firme entre a noite e a manhã, como se tivesse que cumprir a missão deixada por “laiá”. O casal teve 13 filhos; alguns morreram crianças, outros migraram para outros cantos do estado, e dois deles seguiram a rota do Norte e Sul do país em busca de maiores oportunidades. Hermeliano ficou retido na cultura dos seringais no Pará, em situação de pobreza.



Uma única filha do casal, que sobreviveu até a fase adulta, era agricultora e criadora de gado no povoado Pias, atualmente pertencente a Moita Bonita.

Na segunda metade do século XX, Itabaiana já com seu território encolhido, mas com forte tendência ao processo de urbanização e desenvolvimento, enfrentou as lutas políticas dos chefes locais e experimentou um acelerado avanço no campo comercial. No campo, a agricultura em minifúndios tornou-se estruturante, e o município passou a ser considerado o celeiro do Estado. Entre as casas de farinhas, a plantação de legumes e cereais, os pequenos agricultores enfrentavam processos mais intensos de compra e venda de mercadorias com intermediários, e as mulheres, além de manterem-se no papel de mães de grandes proles, colaboravam com as tarefas na malhada e nas casas de farinha. Assim, encontro a mãe de meu pai, *Maria Elvira de Jesus*, entre as décadas de 30 e 40 do século passado, em Terra Vermelha. Suas filhas Maria, Tereza, Inez, Benigna e Maria do Carmo, em geral, aprenderam o ofício da costura, tornando-se profissionais nesse campo. As fiandeiras das duas primeiras gerações foram sendo substituídas por costureiras, que trabalhavam de forma autônoma ou em fábricas, quando três delas migraram para São Paulo, na segunda metade do século XX.

*Maria Elvira de Jesus*, apelidada de “laiazinha”, casou-se com Antônio Rodrigues Sobral, um filho de Francisco Rodrigues Sobral e de *Maria Francisca de Jesus*, e viveu em Terra Vermelha até a morte. Ela era filha de José Pedro de Jesus e de Maria Rosa de Jesus, apelidada de “Santinha”, neta paterna de Francisco José de Jesus e de Maria Francisca de Jesus, e neta materna de Pedro Alexandre de Menezes e de Clara Linda de Jesus. Sua descendência era da família Saracura, sendo seu sobrinho-neto o escritor Antônio Francisco de Jesus, que registrou muitas memórias da família, em seus livros (Jesus, 2013; 2014).

Maria Rosa Sobral, apelidada de “Maria de Zezé”, esposa do José Francisco Sobral, cunhado de “laiazinha”. vive em sua fazenda em Gado Bravo. Ela tem mais de 90 anos de idade e com uma memória impecável, traz em suas lembranças muitos eventos da família. “Maria de Zezé”, que conheceu “laiazinha”, descreveu-a como uma



boa amiga, a qual visitava sempre que se deslocava do povoado Gado Bravo, em Nossa Senhora das Dores, para Itabaiana. Esse era um longo trajeto, feito normalmente a cavalo, com uma paragem para descanso em Terra Vermelha. Nenhuma fotografia dela foi localizada. Por isso, a descrição de “Maria de Zezé” trouxe alguns lampejos de quem foi essa mulher que deu à luz 12 filhos e morreu de parto, em condições trágicas.

A gente ia lá quando vinha de Itabaiana. Chegava lá, [...] compadre Antônio mandava soltar os cavalos; mandava os meninos darem uma comidinha e botar na capineirinha que tinha do lado, com uma fonte ao lado. Ela [“laiazinha”] botava a comida, a gente comia, batia um papinho, descansava e vinha embora. Era alvinha, baixa, cabelinho cacheado, boa gente, me tratava muito bem, gostava muito de “Zezé”. Ela era um tipinho médio, mais baixa um pouquinho do que eu, bem-feitinha, cabelos cacheados, naturais. O penteado ficava todo arrepiado, parece que estou vendo-a! Bem branquinha, bem alvinha, era uma pessoa bem boa (Sobral, entrevista em 25.07.2017).

“Tonho de Chico Masso”, seu marido, ao enviuvar, contraiu segundas núpcias com Maria Paes da Costa, filha de Raymundo Paes da Costa e Emeliana Paes da Costa, em 20 de janeiro de 1948. Com cem anos de idade, lúcida, vive em Itabaiana em companhia de um de seus filhos e de um neto. Era solteira e, ao casar-se, encontrou na casa de seu marido, 11 rebentos como enteados. A recém-nascida, Maria do Carmo, filha de “laiazinha”, de cujo parto veio a óbito, havia sido entregue ao tio. Eram todos menores de idade.

As mulheres de família aqui apontadas, além do impacto de sua procriação no povoamento de Itabaiana Grande, tiveram um papel importante na produção material, e, nas remanescentes, esses valores são preservados com segurança e até certa inflexibilidade, a exemplo do trabalho como fundamento da riqueza.

## *Sinalizações finais*

Ao me debruçar sobre a genealogia e as memórias da família, intrigava-me buscar alguns elementos que pudessem dar conta dessas mulheres que, em geral, tinham grande prole e viviam nos limites impostos pela sociedade: gerar filhos, cuidar deles, da casa, do marido e, sendo mais enfraquecidas financeiramente, contribuíam com o sustento da família.

Essas mulheres de família construíram uma forte vinculação com o trabalho como forma privilegiada de vida. De fato, foi possível observar o quanto o trabalho como força de sucesso e de enriquecimento ganhou presença no universo daqueles que queriam prosperar. Certamente, com a abolição, na transição do trabalho escravo para o assalariado, o campo minado do trabalho discriminatório e colado aos escravizados, forçosamente ganhou outros contornos. Assim, ouvi de algumas mulheres mais velhas da família dizerem frases como: “aquele é preguiçoso, não gosta de trabalhar, por isso não tem nada”, “aquele não tinha nada, trabalha como uma onça e hoje está bem”, nas quais o sentido do trabalho está ligado à produção de riqueza e ao esforço individual para a melhoria de vida. Isso enfraquece, em grande parte, os pressupostos da riqueza produzida pela mais-valia, da exploração do homem pelo homem, sustentando-se nos princípios liberais de que com esforço pessoal e “muita fé em Deus”, o trabalho propicia a riqueza. Não há argumentos que se contraponham ao universo dessas falas, sem que entre em uma peleja inevitável de que o trabalho individual supera qualquer obstáculo ao alcance do sucesso.

Procurei acompanhar e entender um pouco da vida de mulheres que passaram suas existências em sítios, sobretudo parindo e criando filhos. Muitas delas tornaram-se artesãs das artes de fiar e outras, ótimas costureiras. Na descendência de “laiazinha”, algumas netas chegaram ao nível de escolarização superior, situação que tem se invertido nas gerações recentes com os bisnetos, muitos dos quais imersos na cultura letrada.



## Referências

- ARAÚJO, Ricardo Teles. *Genealogia Sergipana*. V. 1. Aracaju: Typografia Editorial, 2010.
- ARQUIVO GERAL DO JUDICIÁRIO DE SERGIPE. Inventário de José Custódio de Mattos, Itabaiana, 1828. (manuscrito).
- ARQUIVO GERAL DO JUDICIÁRIO DE SERGIPE. Inventário de Maria da Graça de Jesus, Capela, 1878. (manuscrito).
- BISPO, José de Almeida. *Itabaiana, nosso lugar: quatro séculos depois*. Itabaiana: Edição do Autor, 2013.
- CARVALHO, Vlademir Sousa. *A República Velha em Itabaiana*. Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2001.
- CARVALHO, Vlademir Sousa. *Apelidos em Itabaiana*. Curitiba: Juruá Editora, 1996.
- DORIA, Francisco Antônio. *Os herdeiros do poder*. 2 ed. Rio de Janeiro: Revan, 1994.
- FAMILYSEARCH. “*Brasil, Sergipe, Registros da Igreja Católica, 1785-1994*.” Database with images. *FamilySearch*. <http://FamilySearch.org>: 21 October 2022. Paróquias Católicas, Sergipe (Catholic Church parishes, Sergipe).
- FARIA, Sheila de Castro, História da Família e Democracia Histórica. In: CARVALHO, Ciro Flamarion, Ronaldo; CINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 14 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 241-253.
- GENEALOGIA SOBRALENSE. Disponível em: <http://www.genealogiasobralense.com.br>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- JESUS, Antônio Francisco de. *Tambores da Terra Vermelha*. Aracaju, 2013.
- JESUS, Antônio Francisco de. *Os tabaréus do Sítio Saracura*. Aracaju, 2014.
- LIMA, Rivadálvio. *Eleitores e votantes da Freguesia de Santo Antônio e Almas de Itabaiana*. Aracaju: EDISE, 2014.
- MOTT, Luiz. *Sergipe Colonial e Imperial: religião, família, escravidão e sociedade*. Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira; Editora UFS, 2008.
- NUNES, Maria Thétis. A ocupação territorial da vila de Itabaiana: a disputa entre lavradores e criadores. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE PROFESSORES DE HISTÓRIA, 8., 1975. ARACAJU. Anais do VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. A propriedade rural. São Paulo: FFLCH-USP, 1976. V. 2 P. 407-420.

SANTANA, Antônio Samarone. *As febres de Aracaju: dos Miasmas aos Micróbios*. Aracaju-SE:r, 2005.

SANTOS, Maria Nelle. *A vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana no século XIX (1850-1888)*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Departamento de História. UNICAMP, 1984.

SEBRÃO, Sobrinho. *Fragmentos de Histórias Municipais e outras Histórias*. CARVALHO, Vlademir de (Org.). Aracaju-SE: Instituto Luciano Barreto, 2003.

SENAL. *Memória Histórica da Indústria Sergipana*. Rio de Janeiro: IEL/ SENAL-DNI, 1896.

SANTOS, Vera Maria dos. *As mulheres de posses: a instrução dos órfãos menores na Capitania de Sergipe Del Rey no Século XVIII*. Fortaleza: Imprece, 2016.

SOBRAL, Maria Rosa. *Entrevista em 27 de março de 2017*. Fazenda Salobra, Gado Bravo, Nossa Senhora das Dores.

SOUZA, Marcos Antônio de. *Memória sobre a Capitania de Sergipe*. Ano de 1808. Aracaju: Secretaria de Estado de Cultura e Governo do Estado de Sergipe, 2005

SOUZA, Christiane Maria Cruz de: A gripe espanhola em Salvador, 1918: cidade de becos e cortiços. *História, Ciências, Saúde: Manguinhos*, v. 12, n. 1, p. 71-99, jan.-abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/fTb86X8wDhnpSkfbgXzsYks/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2024.

